

TEMPORADA 2022

22 / MAI

CORO DA OSESP THOMAS BLUNT REGENTE EMMANUELE BALDINI VIOLINO FERNANDO TOMIMURA PIANO RICARDO BALLESTERO PIANO

22.5 domingo 18H

CORO DA OSESP THOMAS BLUNT REGENTE EMMANUELE BALDINI VIOLINO FERNANDO TOMIMURA PIANO RICARDO BALLESTERO PIANO

LILI BOULANGER (1893-1918) Hymne au Soleil [Hino ao Sol] (1912) [TEXTO DE CASIMIR DELAVIGNÉ] 3 MIN

Les Sirènes [As Sereias] (1911) [TEXTO DE CHARLES GRANDMOUGIN] 6 MIN

BENJAMIN BRITTEN (1913-76)

The Ballad of Little Musgrave and Lady Barnard [Balada do Pequeno Musgrave e da Senhora Barnard] (1943) 9 MIN

RALPH VAUGHAN WILLIAMS (1872-1958) The Lark Ascending [A Ascensão da Cotovia] (1914-rev.1920) [ARRANJO DE PAUL DRAYTON] 13 MIN

CHARLES STANFORD (1852-1924) The Blue Bird [O Pássaro Azul] (1910) 3 MIN

EDWARD ELGAR (1857-1934) Go, Song of Mine, Op. 57 [Vai, Minha Canção] (1909) 5 MIN

LILI BOULANGER (1893-1918) Pendant la Tempête [Durante a Tempestade] (1912) 4 MIN

La Source [A Fonte] (1912) 5 MIN

JONATHAN DOVE (1959) The Passing of the Year [A Passagem do Ano] (2000)

_INVOCATION _THE NARROW BUD OPENS HER BEAUTIES TO THE SUN _ANSWER JULY _HOT SUN, COOL FIRE _AH, SUN-FLOWER! _ADIEU! FAREWELL EARTH'S BLISS! _RING OUT, WILD BELLS 18 MIN

Não deixe de ouvir The Lark Ascending, na versão original para violino e orquestra, com o Osesp, sob a regência do maestro Neil Thomson, e solo da violinista Priscila Rato, nos dias 10, 11 e 12 de novembro.

Não há compositora nos dias de hoje para a qual Lili Boulanger não tenha servido de modelo ou, ao menos, de exemplo enquanto artista. Antes mesmo de completar 5 anos de idade, Marie-Juliette (Lili) já assistia às aulas de composição do Conservatório de Paris junto à irmã mais velha, Nadia Boulanger, que também viria a se tornar compositora de enorme prestígio. Lili Boulanger tocava órgão, piano, violino, violoncelo e harpa e, aos 19 anos, se tornou a primeira mulher a ganhar o Prix de Rome — cobijado concurso de composição que já havia premiado compositores do calibre de Claude Debussy.

A jovem compositora francesa cultivou um estilo harmônico muito particular e, ao lado de Debussy e Ravel, foi um dos grandes nomes do impressionismo francês. Compositora prolífica, deixou, além de obras para piano, inúmeras canções e peças corais, mostrando grande devoção à música vocal. Nas obras corais acompanhadas por piano, o instrumento faz as vezes de uma orquestra completa, e praticamente toda a extensão do teclado é utilizada, sendo necessário, em muitos casos, uma escrita em 3 pentagramas e uma considerável habilidade do pianista na realização dos arpejos. De saúde delicada desde criança, Lili morreu muito jovem, com apenas 24 anos, e deixou uma obra sedutora, repleta de harmonias luxuosamente coloridas, discursos narrativos envolventes, trazendo à luz poemas elegantemente desenhados.

Hymne au Soleil [Hino ao Sol], peça escrita por Boulanger sobre poema de Casimir Delavigné e como preparação para o Prix de Rome, começa com uma escrita coral em tonalidades luminosas que simulam o nascer do Sol e suas cores. Na sequência, a polifonia das vozes do coro imita o cavalgar de corcéis que queimam o horizonte com seu hálito ardente e, antes que o coro volte à parte inicial, um envolvente solo de contralto narra o Sol fecundando a Terra com flores, bosques e um vasto mar abrasado por seu fogo.

Em Les Sirènes [As Sereias], com texto do poeta Charles Grandmougin, Boulanger traduz toda a sedução do canto hipnótico das sereias já nos primeiros compassos do piano, antes mesmo do coro feminino entrar cantando "nós somos a beleza que encanta os mais fortes". Além do solo envolvente do contralto, a compositora solicita, assim como em Hino ao Sol, alguns cantores fora do palco, que simulam o eco irresistível das vozes das sereias. As harmonias cromáticas se encarregam da névoa encantadora, e o coro límpido em vocalize arrebatada o mais impassível dos ovinos.

A The Ballad of Little Musgrave and Lady Barnard [Balada do Pequeno Musgrave e da Senhora Barnard], advinda do norte da Inglaterra no século XVII, possui inúmeras versões com pequenas variações do mesmo enredo: uma dama da aristocracia comete adultério com um simples plebeu, o Pequeno Musgrave, provocando o desejo de vingança de seu esposo e uma luta armada que termina em tragédia. Escrita durante a Segunda Guerra Mundial e dedicada aos soldados britânicos encarcerados num campo de concentração alemão, a balada de Britten para coro masculino se inicia no ambiente tranquilo e meditativo de uma antiga igreja, com o ostinato suave do piano a alternar o badalar dos sinos. Baixos, barítonos e tenores se alternam e se somam para narrar o início da pequena tragédia.

Num feriado religioso, quando homens e mulheres se reúnem na igreja para ouvir suas missas e missas, o Pequeno Musgrave entra na igreja mais para olhar as belas mulheres que para admirar Nossa Senhora. Então a Senhora Barnard, a mais bela de todas, se aproxima de Musgrave e diz que o ama há muito. Musgrave retribui o mesmo sentimento, antes contido por motivos óbvios, já que ele é um dos criados do Senhor Barnard. A dama então o convida para ir à sua casa de campo, que estaria vazia naquela noite, mas o pajem do Senhor Barnard ouve a conversa e corre para avisar seu amo, chegando mesmo a atravessar rios a nado onde as pontas estão quebradas. O piano ambienta o trajeto frenético do pajem e a conversa entre ele, seu senhor e seus homens de guarda. Após avisado da traição, o Senhor Barnard convoca seus homens para ir, ainda naquela noite, à Bucklesfordbury, onde fica sua casa de campo, e surpreender os amantes. A corrida começa e, enquanto a trompa de caça do Senhor Barnard soa, alguns de seus homens, também amigos de Musgrave, gritam para que Musgrave fuja (Away, Musgrave, away!).

O piano faz a transição da cena da corrida dos cavalos para o sono masculino de um amante e onírico, o coro masculino dá voz a Musgrave, que suspeita ter ouvido a trompa do Senhor Barnard ao longe. Mas a Senhora Barnard diz que deve ser apenas um pastor tocando seu rebanho e pede que Musgrave a abraçe para protegê-la do frio. O piano mostra o Senhor Barnard entrando na ponta dos pés, abrindo suavemente as portas e levantando os cobertores e lençóis dos amantes. Ele ordena aos berros que Musgrave se levante e se vista, pois não dualaria com um homem nu. Diz então que possui duas excelentes espadas na bainha e que Musgrave pode escolher a melhor delas. Durante o duelo, Musgrave fere o Senhor Barnard, mas é este quem desere o golpe fatal. Ao final da peça, o Senhor Barnard admoesta seus criados, pois esses não o impediriam, num momento de insanidade, de matar também sua bela esposa. Ele manda enterrar os amantes, mas ordena que ela, por ser de família nobre, seja colocada na cova por cima do Pequeno Musgrave. Com esse final irônico, Britten termina a pequena tragédia com um dos mais tristes e comovidos lamentos já escritos para coro masculino.

Inspirado no texto homônimo de George Meredith, poeta da era vitoriana muito admirado por Vaughan Williams, a obra The Lark Ascending [A Ascensão da Cotovia], originalmente escrita para violino e piano e posteriormente para violino e orquestra pelo próprio compositor, foi arranjada para violino e coro pelo compositor britânico Paul Drayton. Na versão original, Vaughan Williams escreve, na parte superior da partitura, alguns versos do poema de Meredith. Isso serviu de referência a Drayton, que os utiliza nas vozes dos solistas e do coro. O arranjo mantém não apenas toda a melodia original do violino solista mas também o caráter etéreo da versão instrumental e da poesia de Meredith com sua cotovia que sobe, gira, assobia e transborda a Terra com seu canto fantástico. Por aqui, nós também temos um pássaro brasileiro bem representado pelo violino — neste caso o "violinofone" — de Heitor Villa-Lobos: o uirapurú.

A mais conhecida — e querida — das oito canções que compõem o Op. 119 de Charles Stanford, The Blue Bird [O Pássaro Azul] leva o texto de Mary Elizabeth Coleridge, uma inglesa cuja família era próxima do compositor. As imagens nítidas que Coleridge faz vislumbrar em suas poesias acabaram sendo irrisíveis para Stanford, que musicou cada palavra e cada verso de forma quase pictórica. O lago que descansa calmo através de acordes sustentados e melodias internas mínimas numa harmonia essencialmente diatônica, as melodias agudas dos sopranos desenhando o voo alto do pássaro "de um páldio azul", o momento curto em staccato em que o lago capta a imagem do pássaro, a tonalidade praticamente monocromática da tela que é descrita na poesia, em suma, os mais simples elementos do singelo texto de Coleridge são capturados todos por Stanford nessa pérola de concerto tão amada pelos coros e seu público em todo o mundo.

Uma das canções mais apreciadas de Edward Elgar, Go, Song of Mine [Vai, Minha Canção] foi composta em abril de 1909, quando o compositor visitava Careggio, uma comuna italiana na região da Toscana. O texto utilizado pelo compositor poético é uma tradução feita por Dante Gabriel Rossetti, inglês e pintor inglês, mas de origem italiana, a partir de um poema medieval em italiano, erroneamente atribuído a Guido Cavalcanti, um dos mais célebres poetas da Florença do século XIII:

Canzon discapigliata va' piangendo, Rompendo ogni durezza di cor duro; Di che nostra natura Ritorna, e si converte pure in terra; Ma spinto, che non erra, La sciagura, Che l'anima, ch'è pura, Ritorna in Cielo el suo fatto chiedendo. Canção desgredhada vai chorando, Rompendo toda durezza do coração duro; Diga que nossa natureza Retorna, e se converte também em terra; Mas o espírito, que não vaga, A desgraça, Que a alma, que é pura, Ritorna ao céu clamando por sua conduta.

Apesar da tradução de Rossetti carregar algumas variações em relação ao texto original — e que tradução não faz o mesmo? — os sentidos semântico e poético se mantêm. Embora predominantemente homofônica, o inanto de se assemelhar ao máximo a uma canção, Elgar trata os tenores, em boa parte da peça, de maneira distinta, explorando uma "quasi recitativo". No trecho em fortississimo, o coro abre 7 vezes, e os sopranos, em uníssono, delineiam uma linha cromática de lamentação de grande extensão em direção ao fim da peça que, então, repete os primeiros versos: "Vá, minha canção, chorada, / Do coração do homem, suavizar a rigidez."

O mar imenso está devolto e o barco é frágil e pequeno em Pendant la Tempête [Durante a Tempestade]. Na peça escrita para coro masculino, Boulanger dá voz aos marinheiros que temem eoram durante uma borrasca. A mão direita do piano representa as ondas, que sobem e descem ininterruptamente em movimentos rápidos e arduos, enquanto a mão esquerda representa os trovões e os choques das ondas contra o casco da colérgia barco. Ajoelhados junto ao mastro quebrado durante a colérgica tormenta que não cessa, os marinheiros veem o mar com seu último leito e suas espumas lhes servindo de mortalha. Durante a oração, a compositora muda o foco da tormenta para a oração, e o piano passa a representar sua fé na "Santa Nossa Senhora, tão boa aos marinheiros em perigo de morte". O texto do célebre poeta francês Théophile Gautier é musicado por Lili Boulanger de maneira extremamente gráfica e visual, e as vozes de tenores, barítonos e baixos competem em pé de igualdade com a expressividade representativa do piano, cerne da obra.

Diferente das águas salgadas e turbulentas de Durante a Tempestade, em La Source [A Fonte], o piano de Boulanger representa a água doce e mansa de uma nascente. Enquanto narra, através da poesia de Leconte de Lisle, os encontros tranquilos naqueles arredores, o piano segue ágil e vivo como a água da fonte, que retorna sempre em pequenas e suaves marolas. Mais uma vez, temos uma natureza representativa, como uma aquarela sobre a primavera, estação tão querida por Lili Boulanger e retratada em outra de suas obras corais: Renouveau [Renovação]. Durante o soli de tenores e altos, o piano muda de figuração, mas continua representando o correr das águas na mesma ambientação idílica do início. Com a retomada da polifonia e a entrada subsequente das quatro vozes, o piano reassume o leitmotiv da água corrente, fazendo repousar os "reguiçosos seres silvestres".

Jonathan Dove é mais conhecido por suas trilhas sonoras, óperas e adaptações de óperas, mas também compôs um variado repertório para orquestra, grupos de câmara e coro. Em The Passing of the Year [A Passagem do Ano], Dove lança mão de poemas de grandes nomes da literatura inglesa, como William Blake, George Peele, Thomas Nashe e Alfred, Lord Tennyson, e da americana Emily Dickinson, para retratar a passagem do dia e suas estações em sete pequenos movimentos característicos. A primavera, com seus jardins, árvores, frutos e flores, dá lugar ao verão, que irrompe em nuvens, odores, cânticos e suas confortáveis sombras. O girassol, cansado de contar os passos do Sol, anseia pela cor dourada do outono. A representante do inverno é a própria morte, professora inexorável. O ciclo se fecha voltando à ideia inicial assim como a Terra, que, ano após ano, desenha o mesmo anel em volta de sua estrela-guia.

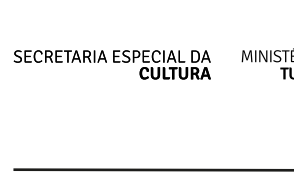
Dove representa todos esses elementos narrativos e estações de espírito, temperaturas e temperamentos alternando momentos de intensa sobreposição de padrões rítmicos enérgicos com momentos de transcendência e calma e força dramática. Seu gosto pela repetição de célebres e harmonias cíclicas faz lembrar compositores minimalistas americanos, como John Adams e Philip Glass, mas as relações rítmicas superpostas e complexas evocam a música indiana. A Passagem do Ano engloba boa parte da linguagem composicional de Jonathan Dove e tem traços tão amplos quanto o movimento de translação da Terra: é música que abraça o mundo, onde quer que seja ouvida. (2022)

WILLIAM COELHO DOUTOR EM MUSICOLOGIA PELA ECA/USP E MAESTRO PREPARADOR DO CORO DA OSESP

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS: IGOR REYNER



CORO DA OSESP — Criado em 1996 e reconhecido hoje como referência em música vocal no Brasil, o grupo aborda diferentes períodos e estilos, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros. Gravou CDs pelo Selo Osesp Digital, Biscoito Fino e Naxos. Entre 1995 e 2015, teve Naomi Munakata como Coordenadora e Regente. De 2017 a 2019, o italiano Valentina Peleggi assumiu a regência do Coro, tendo William Coelho como Maestro Preparador — posição que ele mantém desde então. Em 2020, o Coro se apresentou no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, sob regência de Marin Alsop, Regente de Honra da Osesp, repetindo o feito em 2021, em filme musical (virtual) com participação de Yo-Yo Ma e vários outros artistas de sete países.



THOMAS BLUNT REGENTE — Thomas Blunt estudou na Universidade de Cambridge e na Royal College of Music, ambas em Londres. Foi o primeiro inglês a participar da Allianz International Conductors' Academy, onde ele trabalhou diretamente com Filarmônica de Londres e Philharmonie Orchestra. É um regente extremamente versátil, regendo de Bach à música contemporânea, além de ser um entusiasta de óperas italianas. O inglês já se apresentou com orquestras como a Sinfônica de Londres, a Filarmônica Real de Liverpool, a RTÉ Concert Orchestra (Irlanda), a Musikkollegium Winterthur (Alemanha), a Glyndebourne Tour (Inglaterra), os Óperas Nacionais do País de Gales e da Rena (França), e a Konzert Theater de Berna (Suíça), onde foi Regente Principal.

EMMANUELE BALDINI VIOLINO — Spalla da Osesp desde 2005 e primeiro violino do Quarteto Osesp desde 2008, o italiano formou-se no Conservatório de Genebra, aperfeiçoando-se em Berlim e Salzburgo. Mais recentemente, sua dedicação à regência o levou a se aprimorar com Isaac Karabtschewsky e Frank Shipway. Como regente, destacam-se concertos no Teatro Colón, de Buenos Aires, no Teatro del Sode, de Montevidéu, da própria Osesp e apresentações com as principais orquestras da América Latina. De 2017 a 2019 foi Diretor Musical da Orquestra de Câmara de Valdivia, no Chile. Atualmente é Regente Titular da Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí e Diretor Artístico da Vortz Orquestra.

FERNANDO TOMIMURA PIANO — Bacharel em Música pela Universidade de São Paulo sob a orientação de Amílcar Zani, Fernando Tomimura é pianista da Fundação Osesp, além de professor na Universidade Livre de Música e na Escola Municipal de Música de São Paulo. Willly participou da gravação dos CDs O Presente (ÁguaForte, 2006), com peças de Paulo Corrêa de Oliveira e Aylton Escobar — Obras Para Coro (Selo Digital Osesp, 2019), com o Coro da Osesp.

RICARDO BALLESTERO PIANO — Discípulo de Martin Katz e Dalton Baldwin, dedica sua carreira à colaboração musical. Atuou ao lado de Ray Chen, Paulo Szot, Hansjörg Schellenberger, Aitar Araç e Alex Klein e de muitos renomados músicos brasileiros. Foi professor da Universidade do Colorado-Boulder e, desde 2006, leciona disciplinas ligadas ao canto, piano e música de câmara na Universidade de São Paulo.

CORO DA OSESP

MAESTRO PREPARADOR WILLIAM COELHO

SOPRANOS ANNA CAROLINA MOURA ELIANE CHAGAS ERICA MUNIZ FLAVIA KELE DE SOUSA JI SOOK CHIANG MARINA PEREIRA MAYNARA ARANA CUINI NATÁLIA AUREA REGIANE MARTINEZ MONTORA ROXANA KOSTKA VALQUIRIA GOMES VIVIANA CASAGRANDE

CONTRALTOS / MEZZOS ANA GANZERT CELY KOZLUKI CLARISA CABRAL CRISTIANE MINCZUK FABIANA FORTES LEILA CERDA MARIA ANGÉLICA LEUTWILLER MARIA RAQUEL GABARDI MARIANA VALENÇA MÓNICA WEBER BRONZATI PATRÍCIA NÁCLE SILVANA ROMANI SOLANGE FERREIRA VESNA BANKOVIC MONTORA

TENORES ANDERSON LUIZ DE SOUSA ERNANI MATHIAS ROSA FÁBIO VIANNA PERES JAÍZE LIMA JOCELYN MARCOCCOLO LUIZ EDUARDO GUIMARÃES ODORICO RAMOS PAULO CERQUEIRO MONTEIRO RUBEN ARAUJO

BAXOS / BARÍTONOS ALDO DUARTE ERIC SUZUKA FERNANDO COUTINHO RAMOS FLAVIO BORGES FRANCISCO MEIRA ISRAEL MASCARENHAS JOÃO WITOR LAERCIO RESENDE MÍLIA KOCHER PARNES PAULO FAVARO SABAR TEIXEIRA MONTORA

PIANISTA COOPERITADOR FERNANDO TOMIMURA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR RODRIGO GARCIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO SECRETARIO SERGIO SÁ LEITÃO SECRETARIA EXECUTIVA CLAUDIA PEDROZO CHEFE DE GABINETE DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO FREDERICO MASCARENHAS COORDENADOR DA UNIDADE DE FUNDACAO CULTURAL BIBLIOTECAS E LETURA CHRISTIANO LIMA BRAGA

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE PEDRO PULLEN PARENTE VICE-PRESIDENTE STEFANO BRIDELLI

CONSELHEIROS ANA CARLA ABRÃO COSTA CELIA KOCHER PARNES CLAUDIO KASHIMOTO LUIZ LARA MARCELO NAYCHATO MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR NEY VASCONCELOS PAULO CEZAR ARAÇÓ SERGIO GUSMAO SUCHODOLSKI TATYANA VASCONCELOS DIRETOR EXECUTIVO MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO ARTHUR NESTROVSKI SUPERINTENDENTE GERAL FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

